

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO PATROCÍNIO  
UNICERP  
Graduação em Psicologia**

**ANNA KAROLINA RIBEIRO BRAZ**

**AS DIFICULDADES DOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA FRENTE  
AO ABUSO SEXUAL INFANTIL**

**PATROCÍNIO/MG  
2018**

**ANNA KAROLINA RIBEIRO BRAZ**

**AS DIFICULDADES DOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA FRENTE  
AO ABUSO SEXUAL INFANTIL**

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência parcial para  
obtenção do grau de bacharel em Psicologia,  
pelo Centro Universitário do Cerrado  
Patrocínio – UNICERP.

Orientadora: Profa.Ma. Neiva Nunes Brandão

**PATROCÍNIO/MG  
2018**



Centro Universitário do Cerrado Patrocínio  
Curso de Graduação em Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "As dificuldades dos profissionais de Psicologia frente ao abuso sexual infantil", de autoria da graduanda Anna Karolina Ribeiro Braz, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Neiva Nunes Brandão – Orientadora

Instituição: UNICERP

Profa. Ma. Natália Aparecida Pimenta

Instituição: UNICERP

Profa. Esp. Maria Helena Cabral

Instituição: UNICERP

Data de Aprovação: 12/12/2018.

Patrocínio, 12 de dezembro de 2018.

***DEDICO** este estudo a Deus primeiramente, à minha família e meus amigos, que sempre acreditaram e me apoiaram para que eu pudesse chegar até aqui.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado a dádiva da vida, e a força necessária para encarar todos os obstáculos que já se passaram e que se seguem ao longo da vida.

A toda minha família indistintamente, por terem me dado uma base sólida, carinhosa e harmoniosa; sem isso, nada faria sentido.

Aos meus amigos que estiveram sempre ao meu lado, nos bons e maus momentos, que me escutaram, me aconselharam e me mantiveram sempre de pé.

Com muito orgulho, agradeço à minha orientadora Profa. Ma. Neiva Nunes Brandão; sem ela nada disso teria acontecido, me fortaleceu, apoiou, me mostrou caminhos e não me deixou desistir.

À Coordenadora do Curso de Psicologia, Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga, sempre nos colocando para frente e nos abrindo novos caminhos.

E por fim, a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente me ajudaram nessa caminhada.

## RESUMO

**Introdução:** O abuso sexual é uma forma de violência que é difícil de ser identificada e enfrentada por ter uma dinâmica complexa e envolver vários aspectos físicos, psicológicos e sociais. É um tema que vem se agravando desde os primórdios até os dias atuais, podendo ser definido como todo ato sexual, incluindo penetração ou não, sendo o agressor alguém que está em um estado de desenvolvimento psicosexual mais avançado que a criança ou adolescente. São impostas à criança, ameaças para indução da própria satisfação sexual do abusador. Abuso sexual é um assunto delicado que exige preparação tanto dos profissionais quanto das instituições para trabalhar juntamente com a população. **Objetivos:** Assim, a presente pesquisa teve por objetivo geral conhecer quais são as maiores dificuldades dos profissionais de Psicologia que trabalham em instituições com atendimento direcionado a crianças vítimas de abuso sexual. Os objetivos específicos foram: discorrer sobre os tipos de violência e especificamente a violência com abuso sexual; Investigar sobre experiências e práticas de psicólogos que trabalham em instituições com casos de abuso sexual infantil; Compreender quais são as etapas de intervenção e como estes profissionais lidam com determinadas situações que possam exigir mais do que o esforço profissional. **Material e Métodos:** Foi realizada uma entrevista semiestruturada, e os dados analisados individual e coletivamente, a partir da análise de conteúdo. **Resultados:** Por meio das entrevistas foi possível identificar o que as profissionais de cada área entendem por abuso sexual, as etapas de intervenção tanto com as crianças vítimas do abuso quanto com a família das mesmas, as dificuldades encontradas e como as mesmas lidam com essas e outras dificuldades. **Considerações Finais:** Considera-se que todos os objetivos da pesquisa foram alcançados com sucesso, percebendo que cada profissional tem suas particularidades e suas dificuldades, porém tem suas habilidades e conhecimento para superar cada uma delas e concretizarem seu trabalho com capacidade.

**Palavras-chave:** Abuso Sexual. Crianças. Psicologia.

*“Quando vejo uma criança, ela me inspira dois sentimentos: ternura pelo que é e respeito pelo que pode vir a ser”.*

**Louis Pasteur**

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Idade e sexo das psicólogas.....	19
Tabela 2 -	Local e tempo de formação e satisfação com o atual trabalho .....	20

## LISTA DE SIGLAS

CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social.
CVV	Centro Viva Vida
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
GRAF	Gráfico
IBEG	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MG	Minas Gerais
SP	São Paulo
TAB	Tabela
UNICERP	Centro Universitário do Cerrado Patrocínio
UNIUBE	Universidade de Uberaba
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSJ	Universidade Federal de São João Del-Rei

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>12</b>
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2 Objetivos Específicos.....	12
<b>3 DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>3.2 MATERIAL E MÉTODOS.....</b>	<b>15</b>
3.2.1 Tipo de Pesquisa.....	15
3.2.2 Cenário da Pesquisa.....	16
3.2.3 Participantes da Pesquisa.....	17
3.2.4 Técnica de Coleta de Dados.....	17
3.2.5 Procedimento de Análise de Dados.....	18
3.2.6 Aspectos Éticos.....	18
<b>3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>19</b>
3.3.1 Perfil Sócio Demográfico .....	19
3.3.2 Tipos de Violência e Abuso Sexual Infantil.....	20
3.3.3A Importância da Psicologia Para as Famílias e as Vítimas do Abuso Sexual.....	22
3.3.4 As Maiores Dificuldades Encontradas e Como Lidar Com as Mesmas .....	24
<b>3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>3.5 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>
<b>6 APÊNDICES.....</b>	<b>35</b>
<b>7 ANEXO.....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se enquadra na linha de pesquisa Psicologia Preventiva e de Promoção da Saúde e teve como objetivo conhecer quais são as maiores dificuldades dos profissionais de Psicologia que trabalham em instituições com atendimento direcionado a crianças vítimas de abuso sexual. Abordou-se inicialmente sobre o que é e o que é violência, tipos de violência e especificamente a violência com abuso sexual.

De acordo com Marques et al., (2014) enquadra como sendo abuso sexual um ato de violência sexual não desejada, no qual ocorre a violação dos direitos por meio do abuso de poder e força. Acontece quando alguém em uma posição de autoridade aproveita-se da relação de responsabilidade, confiança e do respeito de uma pessoa e tenta estimulá-la sexualmente ou usá-la para obter seu próprio prazer sexual sem o seu consentimento.

O abuso sexual infantil, ainda de acordo com Habigzang et al. (2005), pode ser definido como a interação de uma pessoa cujo desenvolvimento é mais avançado, com uma criança ou adolescente sendo do mesmo sexo ou de sexo diferente, que através de ameaças ou força obriga a criança a fazer atos para o próprio prazer sexual do abusador.

Assim, o presente estudo trouxe como questionamento: Quais são as dificuldades encontradas por profissionais de Psicologia que trabalham diretamente com crianças vítimas de abuso sexual? Acredita-se que a dificuldade dos psicólogos é reverter alguns sentimentos e consequências que o abuso sexual deixa nas crianças, como desespero, auto acusação, medo, a falta de auto estima e esperança.

O profissional deve trabalhar em busca da superação da criança, também conhecer como se dá essas consequências, levando em conta toda a história, o ambiente familiar, aonde e como ocorreu o abuso, como se deu a revelação, intervindo com uma abordagem compreensiva de acordo com todo o contexto segundo (AMAZARRAY E KOLLER, 1998).

Contudo, Habigzang e Caminha (2004), descreve o quão importante é o papel da Psicologia para essas crianças vítimas do abuso, contando que as consequências vindas do ato podem permanecer e se agravarem na vida dessas crianças caso não haja uma intervenção adequada e de apoio às vítimas.

O tema violência sexual, foi delimitado a partir do estágio profissionalizante da área da saúde, onde foi observado que existem muitos casos de ocorrência de abuso sexual.

Percebe-se que os profissionais têm certa dificuldade ao trabalhar com a vítima e com a família, contando que em muitas vezes os mesmos não tem muito apoio dessa família pelo fato da violência começar dentro do próprio seio familiar, do medo e dos constrangimentos decorrentes.

Sabe-se que não é nada simples trabalhar com o abuso sexual, pois abrange vários aspectos como a sexualidade, valores e cultura.

Pesquisar sobre a atuação dos profissionais de Psicologia que trabalham diretamente com a demanda de abuso sexual infantil é muito importante, como nos traz Lowenkron (2010), é dever da sociedade e dos profissionais, buscarem desesperadamente proteger e acolher essas crianças, a necessidade de poder denunciar, falar, buscar seus direitos, contarem com o apoio da família sem que sejam expostas a constrangimentos.

Uma das áreas que vem cada vez mais tomando seu espaço e passando a ter um papel fundamental no trabalho de intervenções e redução de danos nas vítimas de abuso e suporte à família e à sociedade, é a Psicologia.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Conhecer quais são as maiores dificuldades dos profissionais de Psicologia que trabalham em instituições com atendimento direcionado a crianças vítimas de violência com abuso sexual.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Discorrer sobre o que é violência, tipos de violência e especificamente a violência com abuso sexual.
- Investigar sobre experiências e práticas de psicólogos que trabalham em instituições com casos de abuso sexual infantil.
- Compreender quais são as etapas de intervenção e como estes profissionais lidam com determinadas situações que possam exigir mais do que o esforço profissional.

### 3 DESENVOLVIMENTO

## AS DIFICULDADES DOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA FRENTE AO ABUSO SEXUAL INFANTIL

ANNA KAROLINA RIBEIRO BRAZ  
PROFA. MA. NEIVA NUNES BRANDÃO

### RESUMO

**Introdução:** O abuso sexual é uma forma de violência que é difícil de ser identificada e enfrentada por ter uma dinâmica complexa e envolver vários aspectos físicos, psicológicos e sociais. É um tema que vem se agravando desde os primórdios até os dias atuais, podendo ser definido como todo ato sexual, incluindo penetração ou não, sendo o agressor alguém que está em um estado de desenvolvimento psicosssexual mais avançado que a criança ou adolescente. São impostas à criança, ameaças para indução da própria satisfação sexual do abusador. Abuso sexual é um assunto delicado que exige preparação tanto dos profissionais quanto das instituições para trabalhar juntamente com a população. **Objetivos:** Assim, a presente pesquisa teve por objetivo geral conhecer quais são as maiores dificuldades dos profissionais de Psicologia que trabalham em instituições com atendimento direcionado a crianças vítimas de abuso sexual. Os objetivos específicos foram: discorrer sobre os tipos de violência e especificamente a violência com abuso sexual; Investigar sobre experiências e práticas de psicólogos que trabalham em instituições com casos de abuso sexual infantil; Compreender quais são as etapas de intervenção e como estes profissionais lidam com determinadas situações que possam exigir mais do que o esforço profissional. **Material e Métodos:** Foi realizada uma entrevista semiestruturada, e os dados analisados individual e coletivamente, a partir da análise de conteúdo. **Resultados:** Por meio das entrevistas foi possível identificar o que as profissionais de cada área entendem por abuso sexual, as etapas de intervenção tanto com as crianças vítimas do abuso quanto com a família das mesmas, as dificuldades encontradas e como as mesmas lidam com essas e outras dificuldades. **Considerações Finais:** Considera-se que todos os objetivos da pesquisa foram alcançados com sucesso, percebendo que cada profissional tem suas particularidades e suas dificuldades, porém tem suas habilidades e conhecimento para superar cada uma delas e concretizarem seu trabalho com capacidade.

**Palavras-chave:** Abuso Sexual. Crianças. Psicologia.

### ABSTRACT

**Introduction:** Sexual abuse is a form of violence that is difficult to be identified and faced by a person with great physical, psychological and social capacity. It is a topic that has been aggravating since the beginning to the present day, and can be like any sexual act, including penetration or not, being the aggressor who is in a state of psychic development more

advanced than the child or adolescent. The child is threatened with inducing the sexual satisfaction of the abuser. The same, it is a delicate subject that requires a lot of information on the information to work with the population. Objectives: Thus, a general survey has as main objective to accompany children victims of sexual abuse. **Specific:** Disagree about types of violence and specifically violence with sexual abuse; Research and experience of psychologists who work in institutions with cases of child sexual abuse; Understand the stages of intervention and which are the professionals who deal with the situations that may be most necessary to the professional effort. **Material and Methods:** A semi-structured interview was conducted, and data were analyzed individually and collectively, based on content analysis. **Results:** The research was carried out as a measure of risk of sexual abuse, as the action steps as well as the children victims of the abuse as the family of the same other difficulties. **Final Considerations:** Consider that all the research objectives were successfully achieved, realizing that each professional has its own particularities and difficulties, but has the skills and knowledge to overcome each one of them and to carry out their work with capacity.

**Keywords:** Sexual Abuse. Children. Psychology.

### 3.1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se enquadra na linha de Pesquisa Psicologia Preventiva e de Promoção da Saúde e teve como objetivo conhecer quais são as maiores dificuldades dos profissionais de Psicologia que trabalham em instituições com atendimento direcionado a crianças vítimas de abuso sexual. Abordou-se inicialmente sobre o que é violência, tipos de violência e especificamente a violência com abuso sexual.

De acordo com Marques et al., (2014) enquadra como sendo abuso sexual um ato de violência sexual não desejada, no qual ocorre a violação dos direitos por meio do abuso de poder e força. Acontece quando alguém em uma posição de autoridade aproveita-se da relação de responsabilidade, confiança e do respeito de uma pessoa e tenta estimulá-la sexualmente ou usá-la para obter seu próprio prazer sexual sem o seu consentimento.

Sabe-se que existem várias formas de abuso, podendo citar aqui que existe o intrafamiliar que segundo Habigzang et al., (2005) ocorre dentro do seio familiar, sendo o abusador alguém do convívio diário ou bem próximo a criança e o extrafamiliar que ocorre com alguém não próximo. Diante disso, o tema foi limitado a abuso sexual infantil intrafamiliar, por ser a que mais ocorre e deixa bastante conseqüências pelo fato da criança esperar e depender muito da família.

O abuso sexual infantil intrafamiliar é um fenômeno que há décadas vem chamando atenção, onde se nota que é uma das manifestações da violência de gênero mais cruéis,

levando em conta que a criança que sofre o abuso sexual, independente de qual sexo ela seja, pode acarretar uma série de consequências em seu desenvolvimento, como nos trás Habigzang (2006). A criança pode desenvolver problemas emocionais, cognitivos, sociais e psiquiátricos graves e essas consequências deixadas por esta violência sexual podem ser agravadas por um conjunto de fatores relacionados à criança e ao seu ambiente contando que essa criança não tenha um acompanhamento psicológico.

Sabe-se que não é nada simples trabalhar com o abuso sexual, pois abrange vários aspectos como a sexualidade, valores e cultura.

Assim, o presente estudo trouxe como questionamento: Quais são as dificuldades encontradas por profissionais de Psicologia que trabalham diretamente com crianças vítimas de abuso sexual? Acredita-se que a dificuldade dos psicólogos é reverter alguns sentimentos e consequências que o abuso sexual deixa nas crianças, como desespero, auto acusação, medo, a falta de auto estima e esperança.

Pesquisar sobre a atuação dos profissionais de Psicologia que trabalham diretamente com a demanda de abuso sexual infantil é muito importante, como nos traz Lowenkron (2010), é dever da sociedade e dos profissionais, buscarem desesperadamente proteger e acolher essas crianças, a necessidade de poder denunciar, falar, buscar seus direitos, contarem com o apoio da família sem que sejam expostas a constrangimentos.

Uma das áreas que vem cada vez mais tomando seu espaço e passando a ter um papel fundamental no trabalho de intervenções e redução de danos nas vítimas de abuso e suporte à família e à sociedade, é a Psicologia.

## **3.2 MATERIAL E MÉTODOS**

### **3.2.1 Tipo de Pesquisa**

O presente estudo se deu através de uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva e de campo, cujo objetivo foi conhecer as dificuldades dos profissionais de Psicologia que trabalham em instituições com atendimento direcionado a crianças vítimas de abuso sexual.

Afirma González Rey (2005 p. 13) que a pesquisa qualitativa, é totalmente de comunicação, possibilitando que os entrevistados possam trazer livremente seus conceitos e percepções. Embasada nas próprias experiências acerca do tema e que é uma forma privilegiada de conhecer cada percepção individualmente e subjetivamente, atendendo os desafios da realidade atual e estimulando cada sujeito para que possa se manifestar de forma crítica e criativa.

Percebe-se também, segundo González Rey (2005) que a pesquisa qualitativa pode ser desenvolvida tanto em grupos grandes, grupos pequenos ou individualmente, vista como uma forma de gerar conhecimentos, nos mostrando que não é o tamanho do grupo que irá definir a construção do conhecimento, e sim as exigências feitas no modelo de pesquisa.

Na pesquisa descritiva, é feito o estudo, registro e uma análise dos fatos sem que o pesquisador interfira. Afirma Perovano (2014), que o processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo. Esse tipo de pesquisa pode ser entendida como um estudo de caso onde, após a coleta de dados, é realizada uma análise das relações entre as variáveis para uma posterior determinação do efeitos resultantes em uma empresa, sistema de produção ou produto (PEROVANO 2014).

Foi desenvolvida a pesquisa de campo, por proporcionar um melhor contato e observação de como os fatos realmente ocorrem, diretamente com o pesquisado e seu ambiente de trabalho, buscando compreender o problema pesquisado, de acordo com (PIANA, 2009. p 169).

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

### **3.2.2 Cenário da Pesquisa**

A pesquisa foi desenvolvida com profissionais de Psicologia com atendimento específico da área relacionada ao tema, atuantes do município de Patrocínio MG. O município está situado na região do Alto Paranaíba, no Estado de Minas Gerais e conta

atualmente com 89 983 habitantes, segundo estimativa realizada em 2017 pelo IBGE (Instituto de Fundação Brasileiro Geografia e Estatística).

### **3.2.3 Participantes da Pesquisa**

Realizou-se a pesquisa com quatro Psicólogas responsáveis pelo setor de Psicologia com atendimento direcionado à demanda referente ao abuso sexual infantil, em três instituições diferentes na cidade de Patrocínio MG. As instituições não foram citadas por questões éticas e sigilo profissional.

### **3.2.4 Técnica de Coleta de Dados**

Inicialmente foi feito um primeiro contato pessoalmente, realizado na própria instituição onde cada Psicóloga atua, foi explicado como funcionaria a entrevista a ser feita, apresentação do termo de esclarecimento segundo ANEXO B e em seguida se desenvolveu a pesquisa.

Após a aprovação do projeto pelo COEP e agendamento, foi realizada uma entrevista semiestruturada, com 4 (quatro) profissionais de Psicologia de três diferentes instituições, contando com perguntas variadas, em uma linguagem simples para que pudessem ser compreendidas e respondidas.

Afirma González Rey (2005) que a pesquisa qualitativa pode ser desenvolvida tanto em grupos grandes, grupos pequenos ou individualmente, vista como uma forma de gerar conhecimentos, nos mostrando que não é o tamanho do grupo que irá definir a construção do conhecimento, e sim as exigências feitas no modelo de pesquisa.

As questões foram referentes às dificuldades que possam surgir decorrentes ao trabalho realizado com crianças vítimas de abuso sexual.

Foi escolhida a entrevista, pelo fato de ser uma conversa entre duas pessoas ou mais, onde perguntas foram feitas por este entrevistador com objetivo de obter informações por parte do entrevistado, além de ser uma forma melhor de observar, questionar e compreender essas dificuldades dos profissionais, onde possibilitou também que o entrevistado falasse abertamente sobre suas percepções e experiências.

As entrevistas contaram com 13 perguntas, conforme APÊNDICE (A), onde foram gravadas com autorização prévia. Cada profissional respondeu conforme sua particularidade e suas vivências.

### **3.2.5 Procedimento de Análise de Dados**

Após a entrevista, as respostas foram transcritas e analisadas, realizando logo a técnica de análise de conteúdo, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) é uma técnica de pesquisa que possui determinadas propriedades metodológicas: objetividade, sistematização e interferência.

Ela é caracterizada por um conjunto de técnicas de análise de comunicações que buscam através de procedimentos sistemáticos e objetivos de mensagens, obterem indicadores, que permitam a dedução de conhecimento respectivos das condições de produção e recepção dessas mensagens.

Por fim, foram realizadas observações e inferências a respeito das respostas das entrevistadas, propiciando considerações importantes sobre o tema e sugerindo futuras pesquisas que poderão dar continuidade na comunidade acadêmica e educacional.

### **3.2.6 Aspectos Éticos**

Este projeto de pesquisa está de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece as diretrizes para a pesquisa envolvendo seres humanos.

O mesmo foi submetido a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP (COEP/UNICERP) e a coleta de dados somente foi realizada após aprovação do COEP/UNICERP e da assinatura do Termo de Consentimento Livre após Esclarecimento.

### 3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra que representa o estudo foi exclusivamente voluntária, constituindo-se de um total de 04 (quatro) profissionais de Psicologia que trabalham diretamente com a demanda de abuso sexual infantil na cidade de Patrocínio MG. Inicialmente foi apresentado o perfil sócio demográfico, e em seguida as categorias de estudo que foram divididas e intituladas da seguinte forma: Tipos de Violência e Abuso sexual infantil; As etapas de intervenção com as vítimas do abuso e com as famílias.

Ao longo da discussão e apresentação dos resultados, as participantes foram identificadas através de nomes fictícios (Rosa, Tulipa, Margarida e Flor de Lótus), conservando assim, o sigilo da identidade de cada uma delas.

#### 3.3.1 Perfil Sócio Demográfico

Para melhor compreensão e identificação das psicólogas entrevistadas, segue abaixo duas tabelas com dados acerca de nome fictício, idades, sexo, ano de formação, local de formação e satisfação com o atual trabalho.

**Tabela 1**–Nome fictício, idade e sexo.

<b>Psicólogas</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>
Rosa	38	Feminino
Tulipa	39	Feminino
Margarida	33	Feminino
Flor de Lótus	33	Feminino

**Fonte:** Dados da pesquisa

Pode-se observar na tabela acima, que todas as profissionais de Psicologia entrevistadas são de gênero feminino, de faixa etária entre 33 a 39 anos de idade.

**Tabela 2**-Local de formação, ano de formação, tempo de atuação e satisfação com o atual trabalho

<b>Psicólogas</b>	<b>Local de formação</b>	<b>Ano de formação</b>	<b>Tempo de Atuação no atual trabalho</b>	<b>Satisfação com o atual trabalho</b>
Rosa	UFMG	2005	12 anos	Satisfeita
Tulipa	UNIUBE	2005	13 anos	Satisfeita
Margarida	UFSJ	2008	5 anos	Em partes
Flor de Lótus	UFMG	2008	7 anos	Em partes

**Fonte:** Dados da pesquisa

Na tabela 2, pode-se perceber que duas das profissionais, Rosa e Flor de Lótus concluíram sua formação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2005 e 2008, Tulipa concluiu na Universidade de Uberaba (UNIUBE) em 2005 e Margarida concluiu na Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) em 2008.

Em relação ao tempo de atuação no atual trabalho podemos perceber que a Rosa e a Tulipa têm mais tempo de serviço e estão satisfeitas, já a Margarida e a Flor de Lótus têm menos tempo, porém encontram-se satisfação somente em partes.

### **3.3.2 Tipos de Violência e Abuso Sexual Infantil**

Classificando a violência infantil conforme os tipos Ewerton et al. (2013) descrevem sobre a violência física, a negligência, a violência psicológica e/ou a sexual. Na violência física há o uso intencional da força física, praticado por pais, responsáveis, familiares ou pessoas próximas da criança e adolescente, como o objetivo de ferir, lesar ou destruir a vítima, deixando ou não marcas corporais evidentes. Já a negligência é definida enquanto omissão de cuidados básicos (privação de medicamentos; falta de atendimento aos cuidados necessários, ausência de proteção).

Relativo à violência psicológica, Ewerton et al. (2013) as integram nas várias formas de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobranças exageradas, punições humilhantes e/ou utilização da criança ou do adolescente para atender às necessidades psíquicas dos adultos.

Já a violência sexual se caracteriza em atos sexuais nos quais o agressor está em estágio de desenvolvimento psicossocial mais avançado que a vítima e visa a própria satisfação. Nesses casos, conforme tais autores, o violentador intenciona estimular sexualmente a vítima ou utilizá-la para obter satisfação sexual, impondo à criança ou ao adolescente pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade.

No roteiro de entrevista que se refere ao abuso sexual infantil, todas as entrevistadas da pesquisa ao serem questionadas, responderam conforme os autores acima, como se pode constatar nas falas:

Na verdade o abuso sexual é subjetivo! Hoje até já mudou muito essa visão, que era mais antiga, de que tinha que ter o ato sexual em si pra ser configurado um abuso sexual, fazia exame e tinha que dar isso como uma prova de que teve. Hoje o abuso sexual até no ponto de vista legal já é mais amplo. Até os próprios atos que a criança se sinta constrangida sexualmente. Hoje são várias situações que podem ser configuradas como o abuso sexual. Principalmente pensando aí nessa diferença que existe entre a vítima e o próprio autor, o próprio não entendimento da criança do que se trata, é por isso que é tão amplo assim esse conceito do que é o abuso. Então eu acho que é isso, não só o ato em si, mas são situações constrangedoras, que vão desde carícias, algum tipo de sedução, ameaças que normalmente estão envolvidas, para criança não contar (Rosa).

O abuso vai consistir em qualquer forma que uma pessoa adulta ou idade superior a que foi violentada, coloque-a em situações em que ela não entende com relação à sexualidade. Pode-se acrescentar questão de toque, de forma mais clara, mostrar alguma cena, a questão do selfie, onde ela é incentivada a tirar selfie sem roupa. Então tudo isso conta como uma questão de abuso e as consequências são devastadoras para o resto da vida. Temos que trabalhar bastante para tratar dessas feridas (Tulipa).

É uma relação assimétrica de poder, onde uma pessoa às vezes em nível de desenvolvimento psicossocial, cronológico, ela faz uso dessa posição de confiança, às vezes de amor, pra fazer mal pra uma pessoa menor de idade ou incapaz, às vezes é maior de idade. Por isso que eu acho que é uma relação de poder mesmo, assimétrica, porque a gente está em posições bem diferenciadas de entendimento, de consequências. Normalmente pra acontecer o ato em si, a família já está toda em vulnerabilidade. Você vê que é uma família que já está com os vínculos mais estremecidos (Margarida).

Acho que muitas vezes a gente pensa em abuso só como penetração, só como o ato em si e é muito mais amplo do que isso. É uma situação de poder e que às vezes é estabelecida uma situação não só de penetração, mas de manipulação, de tocar, de ver, de ouvir, que deixa a criança em uma situação de muito sofrimento. Geralmente trás muita culpa e acaba interferindo negativamente na família toda da vítima (Flor de Lótus).

Assim, pode-se observar que, segundo Ministério da Saúde (2002), o abuso sexual infantil é definido como todo ato sexual, incluindo penetração ou não, sendo o agressor

alguém que está em um estado de desenvolvimento psicosssexual mais avançado que a criança ou adolescente. São impostas à criança, ameaças para indução da própria satisfação sexual do abusador.

### **3.3.3A Importância da Psicologia para as Famílias e as Vítimas do Abuso Sexual**

Sobre o tema abuso sexual infantil, é essencial citar que este, é um problema que precisa de mais atenção e cuidado. Ferrari (2013), ressalta que é um assunto delicado que exige preparação tanto dos profissionais quando das instituições para trabalhar juntamente com a população.

Segundo Lowenkron (2010), a Psicologia é o campo da saúde que vem cada vez mais tomando seu espaço e sendo crucial no tratamento de crianças vítimas do abuso sexual. Ela vem reunindo esforços, juntamente com outras instituições, com a população, com as famílias, movidos por essa luta que é intervir, defender essas crianças e ajudar a reconstruir a vida das mesmas.

Assim, quando questionado sobre as etapas de intervenção usadas com as famílias e com as vítimas do abuso sexual infantil, as entrevistadas nos trouxeram:

A partir do momento que chega o processo pra mim, normalmente eu faço a visita domiciliar que é para conhecer essa criança, essa família, depois são realizadas entrevistas, a escuta com a criança e com os familiares. Tem alguns casos que é preciso tentar localizar algum familiar. Às vezes não tem condição dela permanecer com a família, às vezes temos que fazer um trabalho com a família extensa, avó, tios, alguém que está disponível e que vai oferecer os cuidados que aquela criança ou adolescente precisa naquele momento. Em alguns casos é uma situação emergencial que não foi localizado nenhum familiar naquele momento. A criança vai pra um abrigo temporariamente, pra ela não retornar pra casa por estar em uma situação de risco. Pode ser encaminhada pra um abrigo, aí quando vai tem um outro processo lá que é pra medida de proteção judicial para poder localizar algum familiar. Claro que a gente tem que priorizar para criança, ficar com a família, pai, mãe, mas desde que ela não esteja em situação de risco (Rosa).

A gente não tem etapa, o que nós fazemos aqui. A criança chega aqui e a gente vai fazer um plano individual de atendimento para aquela família, porque a gente vai trabalhar questões tanto com a criança, dependendo da demanda e com a família também. Vendo a questão do agressor também se ele está dentro da família ou não, para a gente poder trabalhar, quais são as questões e amenizar. Interromper em primeiro momento a questão do abuso para não continuar e amenizar o sofrimento daquela família. A gente conversa, independente do agressor estar dentro da família ou não, para a gente poder

saber como vai ser o plano. É muito individualizado e cada família é de uma forma. É diferente do trabalho da saúde, porque a saúde ela vai ter essas etapas, nós aqui não, nós vamos trabalhar com a família de uma forma mais concisa, mais aberta (Tulipa).

Vai variar a faixa etária. A primeira coisa que eu penso, é a gente entender o que a criança entende do abuso, como que ela assimilou. No primeiro contato ao estabelecer o vínculo, você cria toda uma situação, aí entende como que a criança entende esse processo todo, como que a família também trabalhou isso com a criança. Então é entender também como a família entende esse processo, e aí eu trabalho muito no sentido de a gente desenvolver medidas de auto proteção. Tem literaturas específicas né, a fifi e o pipo, toque do sim, toque do não, o abraço. Tem vários vídeos que a gente pode usar com a criança, dependendo do nível de entendimento dela. Acho que é um acolhimento, uma criação de vínculo, entender como ela entende, como a família trabalhou isso. Depois desenvolver as medidas de auto proteção, desenvolvimento de resiliência, de às vezes entender que aquilo é uma coisa muito ruim que aconteceu mas que aquilo não precisa definir a vida dela toda, mas aí já vai pra um nível mais adulto né, adolescente. Com a família, a gente faz o acolhimento, vê como a família entende e a gente faz orientação de pais também. Se a criança for muito pequenininha, já teve casos de criança com dois aninhos, aí a gente chama os pais faz o acolhimento, conversa, pra criar um vínculo primeiro, depois a criança já tá mais acostumada. Depois converso com a criança separada e no momento certo com a mãe (Margarida).

Tem todos os tipos de caso que chega pra gente, depende da faixa etária. Tem crianças que vem pra cá que muitas vezes não é nem verdade o que aconteceu, pessoas fazendo uso de alguma situação e acaba desorganizando a vida da criança também. Eu tenho uma preocupação muito grande com a família. Assim, eu busco orientar bastante os pais, conversar, até porque geralmente as mães vêm com um nível de sofrimento muito grande, na maioria das vezes até maior do que o da própria criança. Tem muito sentimento de culpa, tanto dos genitores, responsáveis, quanto pra criança. São coisas também que acho muito importante ser trabalhado. Geralmente elas chegam assustadas, por isso é muito importante trabalhar e criar o vínculo, mas cada caso é um caso, geralmente é um acolhimento, uma conversa, orientação (Flor de Lótus).

Contudo, através das consequências e dos danos psicológicos, sociais, cognitivos e físicos acarretados pelo abuso, o psicólogo passa a ter papel fundamental na intervenção, em novas práticas preventivas e na redução de danos, bem como suporte às famílias e outros profissionais. (MARQUES, 2014. p 8.) cita também que:

Visto que o abuso sexual é um problema de responsabilidade pública, social e familiar, é essencial que haja mais práticas preventivas e novas pesquisas dentro dessa área, como também intensificar mais o trabalho desenvolvido com as próprias vítimas, ampliando os serviços de acolhimento e escuta terapêutica.

Segundo Marques et al., (2014) o profissional psicólogo, pode desenvolver uma boa estratégia de escuta, possibilitar um acolhimento mais humanizado e formar um vínculo de

confiança com a vítima, reduzindo os receios, os medos pós o trauma e diminuindo suas dificuldades em criar novas relações com os demais, contando que a confiança da vítima depois do trauma fica mais fragilizada.

### **3.3.4 As Maiores Dificuldades e Como Lidar Com as Mesmas**

Como sabemos, o abuso sexual infantil é uma forma de violência que é difícil de ser identificada e enfrentada por ter uma dinâmica complexa e envolver vários aspectos físicos, psicológicos, sociais, e que pode trazer uma série de consequências para vida da criança.

Contudo, buscamos identificar quais são as dificuldades das Psicólogas ao trabalhar com o tema abordado e como cada uma com sua particularidade lida com as mesmas, as respostas foram:

Uma dificuldade é que os encaminhamentos vão chegar pra mim meses ou anos depois do fato. A criança já pode ter passado por vários serviços, já tem uma reevitimização dessas crianças porque o fato dela ter que contar sempre de novo a mesma história, o que não era traumático pra ela, pode se tornar traumático. Eu acho que esse lapso de tempo do fato acontecido até o momento que chega pra gente fazer essa escuta, acho que essa dificuldade é uma das maiores. Outra dificuldade acho que é ficar nesse meio ai de ter que responder o que o juiz quer, as vezes vem até quesitos, perguntas, como se fosse um questionário que as vezes o advogado ou promotor manda querendo que a gente responda, e eles perguntam é assim, se existem indícios de que o abuso aconteceu?! Você ta ouvindo aqui a palavra da vítima, o instrumento que a gente tem é a escuta. Como é que vou dar uma resposta objetiva sim ou não? E aí o profissional da psicologia tem que tomar muito cuidado pra não cair nessa posição de julgador, que ta ali pra julgar o que aconteceu e nem punir quem fez. Às vezes é a única oportunidade que a criança tem, que ela vai ser acolhida, que ela vai ter uma escuta, que você vai respeitar o tempo, o silêncio, o que ela quer dizer, se ela quer vir ou não, porque já aconteceu da criança sentar aqui e não querer fala. Ok, é o tempo dela. É importante que ela seja respeitada porque dependendo do tipo de intervenção pode trazer mais prejuízos pra ela. A gente tem essa flexibilidade (Rosa).

A família, as vezes é um fator que trás dificuldade porque ela não sabe lidar com a situação e as vezes entende aquilo como se fosse um tabu que não pudesse ser trabalhado não pudesse ser falado. Às vezes a mãe quer proteger o agressor porque ele está dentro da família. Outro ponto também é a demora que essas vítimas vão chegar pra gente e de que forma que isso vai ser feito (Tulipa).

Eu acho que é um tipo de demanda, que o sofrimento está muito aberto. Assim eu acho que como profissional uma dificuldade muito grande, é a gente não se perder no meio daquela dor. Parece que na demanda de abuso é muito mais visceral, porque a pessoa chega muitas vezes logo depois que ela foi abusada.

Então às vezes ela vem pra pegar a medicação e passa aqui com a gente. Às vezes ela está machucada fisicamente, emocionalmente. Acho que uma das dificuldades de você trabalhar diretamente é você entender aquele sofrimento, tocar naquele sofrimento, mas não se perder naquele sofrimento. Tirando as questões burocráticas, passar em um monte de profissionais, isso daí é também, mas digo como profissional mesmo, como pessoa, são demandas de muita dor, acho que visceral é a palavra, uma dor muito aberta, pra mim é uma das maiores, fora as questões familiares também. Uma dificuldade também é o que fazer com esse abusador, porque a gente só tem política punitiva, não tem um trabalho também de entender o que está acontecendo ali. É difícil você ouvir falar de política pública para abusadores sexuais. A gente pune e cadê o caráter educativo, a reabilitação? Isso dificulta muito o trabalho direto porque é a mesma coisa de apagar incêndio, porque se eu não estou educando, a pessoa pode ser punida e depois volta a fazer a mesma coisa (Margarida).

É uma demanda que vem com uma carga muito grande de sofrimento e de muita confusão. Chega sem entender direito o que aconteceu, o que vai acontecer, que ponto que ela está atrapalhando a vida das pessoas. Geralmente a culpa vem de uma forma muito intensa, sem entender muito bem em quem ela pode confiar, eu acho que tem muitas dores. Outra dificuldade muito grande, é perceber que tem outros profissionais que lidam com isso e que não sabem lidar da maneira como deveriam. Às vezes outros profissionais não têm o preparo para entender o que aquela pessoa está passando, e aí a faz sofrer muito mais e acaba dificultando também nosso trabalho. A família também trás uma ou duas vezes só. Não é um tipo de atendimento que costuma durar muito com a gente. Às vezes acha que não precisa, ou está ali sofrendo com outras coisas, as vezes a dor é tão grande, outras preocupações que aí vão deixando a parte psicológica de lado, então muitas vezes a gente não consegue dar andamento no tratamento. Uma dificuldade também é que muitas vezes além dos abusadores também já terem abusados e muitas vezes também não foram punidos e a criança tem que continuar convivendo com aquela pessoa (Flor de Lótus).

Quando questionado como cada profissional lida com essas mesmas dificuldades, as respostas foram:

A questão do tempo não tem como lidar, porque é a demanda do trabalho, então não tem como controlar depois de quanto tempo vai chegar até mim. Então lógico quando chega para mim eu tento passar na frente, tento fazer mais rápido, mas não tem como ter controle. A forma de lidar com isso internamente, a forma que eu encontrei é dizer assim é porque era a hora certa que precisava chegar pra mim, se demorou anos o que eu posso fazer por essa pessoa hoje?! Como que está sua vida hoje? Como você lida com isso que aconteceu?! O que você fez depois disso. Quais caminhos que a pessoa está encontrando para poder seguir a vida. Em relação à outra dificuldade que eu falei que é esse conflito interno com essa demanda que vem do juiz. Como responder isso legalmente porque eu tenho que fazer um relatório, o que escrever no relatório, o que você conta, o que não conta? Como você não rompe o sigilo ético que você tem com aquela pessoa? Mas você precisa fazer um laudo. Então de toda forma você já tem que avisar isso antes né? Pra lidar com essa dificuldade eu acho que é estudar, conhecer. Já fiz supervisão, pós graduação, é ter mais conhecimento sobre a área e o autoconhecimento também ajuda. Fazer terapia, saber o que é meu, o que aquela criança falou que tocou foi em questões minhas, da minha infância, da minha criança. Então acho que é o conhecimento teórico e o autoconhecimento. (Rosa)

Vendo sempre como que eu posso tratar essa criança e tirar ela desse sofrimento. Quais são as estratégias que a gente vai precisar ter, sempre pensando na prioridade que é a criança. A gente não consegue fazer isso quando demora a chegar aqui, mas a gente tenta lidar e trabalhar com a família. Quando tem essas outras dificuldades com a família a gente tenta mostrar a prioridade com a criança e seu desenvolvimento. A demora pode trazer muitos prejuízos, de forma geral (Tulipa).

A gente faz supervisão mesmo que seja informal. Antigamente quando era possível a gente tinha um tempo nosso de discussão de caso, quando aperta ainda tem, e aí com outros profissionais também. Eu confesso, dependendo do atendimento eu chego em casa e choro, choro mesmo, e a gente tenta, aí é a parte que eu acho que é da nossa responsabilidade. A gente sempre está buscando qualificação. Acho que é nossa obrigação ética estudar, então acho que para lidar com a dificuldade, a parte pessoal, você tem que fazer seus ajustes, sua supervisão, terapia. A forma como você vai chorar, vai rezar, cada um vai ter a sua, mas eu acho que a parte profissional você tem que estar sempre constante, para qualquer área, para dentro da psicologia não adianta você formar e ahh acabei, não existe. Não é que vai ficando mais fácil, mas a gente vê o sofrimento e já vai vendo possibilidades também, não deixar aquele evento te definir (Margarida).

Acho que é estudar, tentar conversar, a gente tem uma parceria bacana aqui né de discutir casos. Faço terapia, mas com o passar do tempo a gente sabe que se for passar nosso sentimento para o outro vai ficar pior, mas de alguma forma a gente tem que tentar aí, vai vestindo o personagem de psicólogo mesmo; porque se a gente começar a se comprometer demais a gente não consegue viver e nem ajudar, porque se a gente se perde no sentimento junto com a pessoa a gente não consegue fazer nada, a gente abraça e chora e fica por isso mesmo. Eu faço um esforço, mas tem alguns casos também que a gente não consegue se distanciar completamente. Questões de abuso geralmente mexem com a gente, dá vontade de proteger, mas de alguma forma a gente vai tentando se distanciar. Mas não é só pensar no que aconteceu mas também pensar o que eu posso fazer pra que a criança tenha uma qualidade de vida, para deixar isso pra trás (Flor de Lótus).

Faz-se necessário que os profissionais que trabalham diretamente com crianças vítimas do abuso, de acordo com Marques et al., (2014) estejam sempre buscando novas leituras, ir a campo, compreender melhor o contexto em que a criança está inserida, de forma que o mesmo esteja sempre acrescentando e contribuindo para novas descobertas sobre o assunto. Surgindo assim a necessidade de buscar informações e conhecer o impacto negativo no desenvolvimento dessas crianças, propondo assim, modelos de intervenção psicológica.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a complexidade do tema e o contexto de violência e/ou abuso sexual infantil, foi possível identificar as dificuldades e obstáculos que os profissionais de Psicologia enfrentam para conseguirem tratar estes casos com maior significância e exatidão.

Durante o processo de captação dos dados, observou-se que o instrumento utilizado na entrevista semiestruturada foi essencial para que as participantes pudessem relatar abertamente e sem restrições de seus sentimentos, de acordo com os objetivos da presente pesquisa.

Em relação à percepção das maiores dificuldades encontradas entre todas as entrevistadas, percebeu-se que mesmo sendo em âmbitos diferentes, as dificuldades são em grande maioria as mesmas. Contando que todas as instituições dependem de encaminhamentos para ter acesso aos casos, estes são de muito sofrimento tanto para as vítimas como principalmente para as famílias que tem mais entendimento acerca do assunto, assim não dando continuidade ao tratamento e acreditando que deixar o assunto de lado muitas vezes pode ser melhor. Contudo a maioria não tem conhecimento da importância do tratamento Psicológico e das consequências que o abuso pode acarretar na vida da criança.

Efetivamente, as formas de intervenção utilizadas por cada profissional se apresentaram na presente pesquisa, podendo considerar que a empatia com a vítima e com as famílias, é uma das ferramentas mais ricas que cada profissional de Psicologia pode ter, observando também o respeito e a dedicação nos casos, respeitando o tempo e o espaço de cada um.

Como argumentado e base na presente pesquisa e com nos resultados obtidos e observados, corroborou-se a dificuldade encontrada ao que se refere ao apoio familiar, e a percepção da importância do mesmo, contando que é essencial no tratamento psicológico da criança e que a mesma depende da família para dar continuidade. Reconhece-se que um grupo familiar relaciona-se normalmente com sentimentos de harmonia, carinho, amor e aconchego, permeando todo o lar. Percebeu-se também a dificuldade de lidar com as burocracias exigidas pela rede de saúde, onde muitas vezes dificulta o atendimento e a continuidade do mesmo.

Por fim, em consonância com os objetivos inicialmente determinados nesta pesquisa, pode-se afirmar a essencialidade do acompanhamento psicológico para crianças que sofrem ou sofreram abusos sexuais, assim como para família das mesmas. Como salientado nos resultados, um profissional da área de psicologia, de fato, poderá acolher, amparar, além de oferecer uma escuta técnica, diferenciada. Uma vítima de abuso que tem a oportunidade de fazer este acompanhamento especializado terá mais possibilidades de diminuir as questões elencadas acima, e obter o apoio necessário.

Importante ressaltar que os resultados obtidos neste trabalho confirmam resultados encontrados em diversas pesquisas sobre o mesmo tema e favorecem a compreensão acerca das várias formas de violência infantil, as possíveis consequências e a importância da Psicologia e das formas de intervenção usadas com as crianças vítimas do abuso e com as famílias.

Enfim, acredita-se na relevância deste estudo para somar dados a esta temática atual, possibilitando o aprofundamento do conhecimento das experiências de profissionais que trabalham diretamente nesta área, permitindo avanços e efetividade das ações de apoio social a estas vítimas, sendo por meio de mediação profissional, seja na implementação das políticas públicas associadas à saúde, à segurança e aspectos psicossociais.

### 3.5 REFERÊNCIAS

BRASIL –**Ministério da Saúde**. As Cartas da Promoção da Saúde/ Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

EWERTON et al. (2013)**Rev. Psicol Saúde e Debate**. v.4 n:1. p61-84.

FERRARI, J. **Abuso Sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes**. Centro Universitário Univates; Curso de Psicologia. Lojeado, 2013.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA D. T. **Métodos de Pesquisa**.– 1º ed. – UFRGS editora, 2009.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HABIGZANG, L.F.; KOLLER, S.H.; AZEVEDO, G.A.; MACHADO, P.X. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. In: **Psic.: Teor. e Pesq**, v.21, n.3, p. 341-348, 2005.

HABIGZANG, L. F. Avaliação e intervenção clínica para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar. **Dissertação de Mestrado**. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, UFRGS.

HABIGZANG, L. F., AZEVEDO, G. A., KOLLER, S. H.; MACHADO, P. X. “Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual”. In: Psicologia: **Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, V. 19, n.3, p. 379-386, 2006.

IBGE. 2017. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314810>Acesso em: 20 de julho de 2018.

LOWENKRON, Laura. Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia: diferentes nomes, diferentes problemas. **Sexualidade Saúde e Sociedade**. n.5, p.9-29, 2010.

MARQUES, G. M. V.; FEIJÃO, G. M. M.; TELES, M. S.; BEZERRA, D. P. M.; **A percepção de Profissionais de Psicologia frente à situação do abuso sexual infantil**. ANAIS do VII Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão. Sobral-CE, 2014.

PEROVANO, D.G. **Manual de Metodologia Científica**. – 1º ed. – Curitiba: Juruá Editora, 2014.

PIANA, M. C. **A pesquisa de campo**. São Paulo, Unesp Editora, 2009.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

Considerando a complexidade do tema e o contexto de violência e/ou abuso sexual infantil, foi possível identificar as dificuldades e obstáculos que os profissionais de Psicologia enfrentam para conseguirem tratar estes casos com maior significância e exatidão.

Ao passo que muitas são as formas de violências cometidas, observa-se na literatura proposta pela pesquisa, que suas nomenclaturas também são diversas, mas que compõem ao mesmo significado, como violência sexual, abuso sexual, agressão sexual e outras, tendo o mesmo sentido de violação dos direitos humanos de qualquer indivíduo.

Durante o processo de captação dos dados, observou-se que o instrumento utilizado na entrevista semiestruturada foi essencial para que as participantes pudessem relatar abertamente e sem restrições seus sentimentos.

Em relação à percepção das maiores dificuldades encontradas entre todas as entrevistadas, se notou que mesmo sendo em âmbitos diferentes, as dificuldades são em grande maioria as mesmas, contando que todas as instituições dependem de encaminhamentos para ter acesso aos casos que são de muito sofrimento tanto para as vítimas como principalmente para as famílias que tem mais entendimento acerca do assunto, assim não dando continuidade ao tratamento e acreditando que deixar o assunto de lado muitas vezes pode ser melhor. Contudo a maioria não tem conhecimento da importância do tratamento psicológico e das consequências que o abuso pode acarretar na vida da criança.

Efetivamente, as formas de intervenção utilizadas por cada profissional se apresentaram na presente pesquisa, podendo considerar que a empatia com a vítima e com as famílias, é uma das ferramentas mais ricas que cada profissional de Psicologia pode ter, observando também o respeito e a dedicação nos casos, respeitando o tempo e o espaço de cada um.

Como argumentado e base na presente pesquisa e com nos resultados obtidos e observados, percebeu-se a dificuldade encontrada ao que se refere ao apoio familiar, e a percepção da importância do mesmo, contando que é essencial no tratamento psicológico da criança e que a mesma depende da família para dar continuidade. Reconhece-se que um grupo familiar relaciona-se normalmente com sentimentos de harmonia, carinho, amor e aconchego, permeando todo o lar. Percebeu-se também a dificuldade de lidar com as burocracias

exigidas pela rede de saúde, onde muitas vezes dificulta o atendimento e a continuidade do mesmo.

Por fim, em consonância com os objetivos inicialmente determinados nesta pesquisa, pode-se afirmar a essencialidade do acompanhamento psicológico para crianças que sofrem ou sofreram abusos sexuais, assim como para família das mesmas. Como salientado nos resultados, um profissional da área de psicologia, de fato, poderá acolher, amparar, além de oferecer uma escuta técnica, diferenciada. Uma vítima de abuso que tenha a oportunidade de fazer este acompanhamento especializado terá mais possibilidades de diminuir as questões elencadas acima, e obter o apoio necessário.

Importante ressaltar que os resultados obtidos neste trabalho confirmam resultados encontrados em diversas pesquisas sobre o mesmo tema e favorecem a compreensão acerca das várias formas de violência infantil, as possíveis consequências e a importância da Psicologia e das formas de intervenção usadas com as crianças vítimas do abuso e com as suas famílias.

Enfim, acredita-se na relevância deste estudo para somar dados a esta temática atual, possibilitando o aprofundamento do conhecimento das experiências de profissionais que trabalham diretamente nesta área, permitindo avanços e efetividade das ações de apoio social a estas vítimas, sendo por meio de mediação profissional, seja na implementação das políticas públicas associadas à saúde, à segurança e aspectos psicossociais.

## 5 REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Revista de Psicologia Reflexão e Crítica**, v.11n: 3, p 546-555, 1998.

BRASIL –**Ministério da Saúde**. As Cartas da Promoção da Saúde/ Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

EWERTON et al. (2013)**Rev. Psicol Saúde e Debate**. v.4 n:1. p61-84.

FERRARI, J. **Abuso Sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes**. Centro Universitário Univates; Curso de Psicologia. Lojead, 2013.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA D. T. **Métodos de Pesquisa**.– 1º ed. – UFRGS editora, 2009.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HABIGZANG, L. F. Avaliação e intervenção clínica para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar. **Dissertação de Mestrado**. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, UFRGS.

HABIGZANG, L. F., AZEVEDO, G. A., KOLLER, S. H.; MACHADO, P. X. “Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual”. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, V. 19, n.3, p. 379-386, 2006.

HABIGZANG, L. F. CAMINHA, R. M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes**: conceituação e intervenção clínica. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HABIGZANG, L.F.; KOLLER, S.H.; AZEVEDO, G.A.; MACHADO, P.X. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. In: **Psic.: Teor. E Pesq**, v.21, n.3, p. 341-348, 2005.

IBGE. 2017. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314810> Acesso em: 20 de julho de 2018.

LOWENKRON, Laura. Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia: diferentes nomes, diferentes problemas. **Sexualidade Saúde e Sociedade**. n.5, p.9-29, 2010.

MARQUES, G. M. V.; FEIJÃO, G. M. M.; TELES, M. S.; BEZERRA, D. P. M.; **A percepção de Profissionais de Psicologia frente à situação do abuso sexual infantil**. ANAIS do VII Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão. Sobral-CE, 2014.

PEROVANO, D.G. **Manual de Metodologia Científica**. – 1º ed. – Curitiba: Juruá Editora, 2014.

PIANA, M. C. **A pesquisa de campo**. São Paulo, Unesp Editora, 2009.

# APÊNDICES

**APÊNDICE A**  
**ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTA**

Dados pessoais

- 1- Qual sua idade?
- 2 - Qual o tempo de formação?
- 3 -Em qual instituição você concluiu o curso?
- 4 - Há quanto tempo você trabalha na instituição atual?
- 5 - Há quanto tempo você trabalha com a demanda de abuso sexual infantil?
- 6 - Você esta satisfeito com seu atual trabalho?
- 7 - O que você entende por abuso sexual?
- 8 – De onde surgiu o encaminhamento dessas crianças atendidas?
- 9- Quais são as principais etapas de intervenção usada com as crianças vítimas do abuso sexual?
- 10 - Quais são as principais etapas de intervenção usada com as famílias das vítimas?
- 11 - Quais são as maiores dificuldades que surgem ao trabalhar diretamente com essas vítimas?
- 12 - Como você lida com as mesmas?
- 13 - Trabalhando com esse tema delicado, você considera fácil separar a vida profissional da vida pessoal?

## APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS

Eu, Anna Karolina Ribeiro Braz, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, convido-a a participar da pesquisa sobre “As dificuldades dos profissionais de Psicologia frente ao abuso sexual infantil”, que tem como objetivo realizar um estudo voltado a conhecer quais são as dificuldades dos profissionais de Psicologia ao trabalharem diretamente com famílias e crianças vítimas do abuso sexual.

A sua participação é voluntária, sendo sua colaboração muito importante para o andamento da pesquisa, que consiste em realizar uma entrevista semi-estruturada com profissionais de Psicologia que trabalham diretamente com famílias e vítimas do abuso sexual infantil, afim de identificar quais são suas maiores dificuldades. Para que sejam analisados os dados colhidos na entrevista, as participantes responderão a entrevista e conforme isto for ocorrendo à pesquisadora estará anotando dados importantes. Ressalta-se que a escolha das profissionais para a pesquisa se deu através de pesquisa e comprovação de que são as instituições com maior demanda do tema.

Serão assegurados a você o anonimato, o sigilo das informações, a privacidade e todas as condições que lhe garantam a proteção à dignidade constitucionalmente assegurada. A utilização dos resultados da pesquisa será exclusiva para fins técnico-científicos. Os riscos na participação serão minimizados mediante a atuação da pesquisadora pela atenção e zelo no desenvolvimento dos trabalhos em assegurar ambiente seguro, confortável e de privacidade, evitando desconforto e constrangimento. Por outro lado, se você concordar em participar na pesquisa estará contribuindo para o desenvolvimento da ciência nesta área. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade será assegurada e mantida em absoluto sigilo. Caso concorde em participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como desistir dela e não permitir a utilização de seus dados, sem prejuízo para você. Você não terá nenhum tipo de despesa e não receberá nenhuma gratificação pela participação na pesquisa.

#### Consentimento:

Declaro ter recebido de Anna Karolina Ribeiro Braz, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, as orientações sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização das informações que forneci somente para fins científicos, sendo que meu nome será mantido em sigilo. Aceito participar da pesquisa por meio da realização de uma entrevista, bem como permito a utilização dos dados originados da mesma. Estou ciente de que poderei ser exposta a riscos de constrangimentos associados ao meio aceite do convite, e que poderei, a qualquer momento, interromper a minha participação, sem nenhum prejuízo pessoal. Fui informada que não terei nenhum tipo de despesa nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas suficientemente e concordo em participar voluntariamente das atividades da pesquisa.

Assinatura da participante: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.



Impressão de polegar  
caso não assine

Pesquisadora: Anna Karolina Ribeiro Braz  
Rua: João Afonso Português 463 – São Judas Tadeu  
Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Orientadora: Profa. Ma. Neiva Nunes Brandão  
Rua: Praça Honorato Borges, 35 -Centro

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP: Fone: (34) 3839-3737 ou 0800-942-3737

Av. Liria TerezinhaLassiCapuano, 466, Campus Universitário - Patrocínio – MG, CEP: 38740.000

# ANEXO

## ANEXO A – Aprovação do comitê de ética em pesquisa do UNICERP



COORDENADORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO DO UNICERP  
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO COEP/UNICERP  
 PROTOCOLO DE ENCAMINHAMENTO DE PROJETO DE PARA  
**APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS**

**1. PROJETO DE PESQUISA:**

2018/450P5IO29

**1.1. TÍTULO DO PROJETO:**

AS DIFICULDADES DOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA FRENTE AO ABUSO SEXUAL INFANTIL

**1.2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL:**

Nome: Neiva Nunes Brandão  
 Identidade: MG-108938 CPF: 27638065620  
 Endereço: Praça Honorato Borges nº35  
 Correio eletrônico: [neivanb@gmail.com](mailto:neivanb@gmail.com)  
 Telefone: (34)988522240 Fax:

**1.3. INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL:**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO PATROCÍNIO

**1.4. PROJETO APROVADO EM:**

Recebido no COEP/UNICERP em: 03/08/2018 Para o relator em: 17/08/2018

Parecer avaliado em reunião de: 30/08/2018 Aprovado: 30/08/2018

Não aprovado:  / /

Diligência/pendências:  / /

Profa. Me. Angela M. da M. Lag.  
 COEP-UNICERP

\_\_\_\_\_  
 Diretor(a) da Unidade